

4 Análise e discussão dos resultados

Como exposto na metodologia, nosso estudo subdivide-se em duas fases: na **primeira fase** estabelecemos o arcabouço teórico, selecionamos os editoriais, contamos e codificamos as orações subordinadas, normatizamos as frequências das orações subordinadas e realizamos a análise quantitativa. Na **segunda fase**, analisamos qualitativamente as orações subordinadas substantivas segundo a Teoria dos Espaços Mentais (cf. capítulo 2) e conceitos de mescla e figura-fundo. A escolha das subordinadas substantivas adveio dos resultados da primeira fase. Neste capítulo, apresentamos os resultados das duas fases e procedemos a discussão dos mesmos, integradamente. Ao integrar a discussão aos resultados, nossa intenção foi sermos fiéis ao arcabouço sócio-cognitivista, segundo o qual o processo de significação abarca uma variedade de significações, inclusive as pragmáticas. Somente uma apreciação integrada poderia dar conta deste entendimento.

4.1 Análise quantitativa dos dados

O objetivo da análise quantitativa é aferir a frequência com que as orações subordinadas aparecem no corpus. A codificação e a contagem manual das orações subordinadas seguida da sua normatização para 1000 revelou que em nosso corpus há 586 orações subordinadas substantivas (n=586 ; 43%), 455 orações subordinadas adjetivas (n=455 ; 33%) e 330 orações subordinadas adverbiais (n=330 ; 24%). Estes resultados apontam para uma frequência alta de orações substantivas, cujo percentual é quase duas vezes maior que o de orações subordinadas adverbiais e aproximadamente 20% maior do que o de orações subordinadas adjetivas. A figura 5 e a tabela 8 ilustram este fato:

Figura 5 – As orações subordinadas no corpus (%)

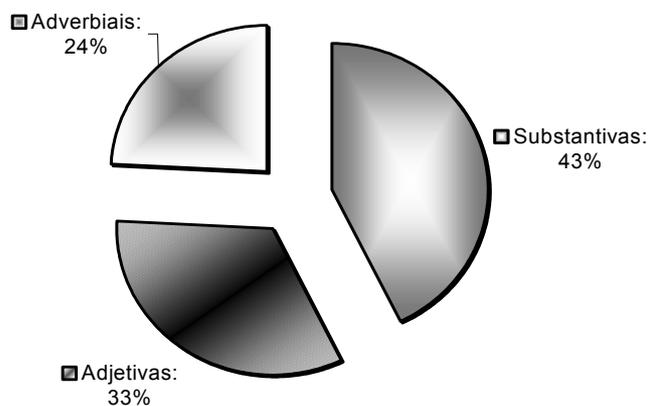


Tabela 8 – As orações subordinadas substantivas, adjetivas e advérbias no corpus
N = 20; ocorrências : 1000

Artigo	Substantivas	Adjetivas	Advérbias
A economia e a guerra	38	22	25
A guerra e a economia americana	9	20	9
Os efeitos da guerra na economia	33	6	40
Rounds perdidos por Bush e Blair	26	17	20
A guerra e nós	21	12	18
Apelos pela paz	22	25	19
Destino da ONU	21	28	12
Não à guerra	27	12	0
Contra o tempo	41	22	22
Sob as bombas	35	19	13
Dedo no gatilho	49	17	31
Em revisão	38	20	3
Ultimato à ONU	18	24	21
Fatos consumados	46	46	18
Guerras e fracassos	16	12	12
A batalha pela paz	19	41	12
Noticias do front	40	22	5
Futuro incerto	28	25	22
Novo mundo	41	30	14
Ordem imperial	16	33	11
Total de orações:	586	455	330

Nota: valores arredondados de acordo com a 1ª casa decimal. Por exemplo, 8,74=9 e 38,09=38

Portanto, através desta comparação percebemos que a frequência de orações subordinadas substantivas mostrou-se mais significativa do que a das orações

subordinadas adverbiais e adjetivas. Estes resultados apontam para a tipicidade das substantivas no gênero editorial. Eles nos levaram a analisar qualitativamente apenas as orações subordinadas substantivas. Isto não significa que estejamos excluindo a possibilidade das orações adverbiais e adjetivas também desempenharem função cognitiva semelhante a que acreditamos que as orações subordinadas substantivas possam estar desempenhando. Por exemplo, Ferrari (1999), já estudou o papel das condicionais. Em seu estudo, ela demonstrou que todas as construções condicionais são introdutoras de espaços mentais, enfatizando o papel do interlocutor na co-construção do discurso. Dado o escopo desta dissertação, no entanto, caberá a estudos futuros, seguindo a mesma linha teórica e de análise, observar o caso das adverbiais e adjetivas. Fato é que a tipicidade das orações subordinadas substantivas nos editoriais sinaliza para um papel preponderante na construção da significação no gênero. A tabela 9 mostra os resultados estatísticos aferidos:

Tabela 9 – As orações subordinadas no corpus de editoriais

	SUBSTANTIVAS	ADJETIVAS	ADVERBIAIS
	N=20 ; ocorrências : 1000		
Mínimo	9	6	0
Máximo	49	46	40
Somatório	586	455	330
Mediana	27	22	16
Média	29	23	16
Desvio Padrão	11	10	9
Intervalo	40	40	40
Distribuição	0,034	0,72	0,54

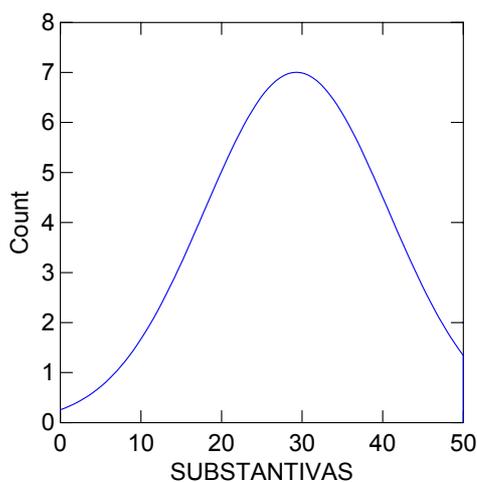
Nota: valores arredondados

Em nossos dados, apesar do desvio padrão das orações subordinadas substantivas ser de 11 (um valor alto que aponta para grande variação nos dados), a representatividade das orações substantivas não deixa margem à dúvidas. Talvez ela seja ainda mais significativa do que a frequência contabilizada nos mostrou. Considerando que o número mínimo de ocorrência é 9, o máximo é 49 e a mediana 27, percebemos que a distribuição de frequência tende para cima. Há uma probabilidade maior do desvio ser para cima, já que há 18 textos contribuindo com mais de 16 orações subordinadas substantivas e, em 11 destes

textos, a contribuição está na mediana ou acima dela. Logo, não há dúvida quanto à representatividade das orações subordinadas substantivas no corpus.

A figura 6 mostra a curva de distribuição das orações subordinadas substantivas, que se aproxima do normal ou de uma curva de Bell. Isto significa que as orações subordinadas substantivas encontram-se concentradas próximas à média, constituindo um corpus de tendência relativamente homogênea.

Figura 6 – Orações subordinadas substantivas no corpus de editoriais



Ou seja, apesar de haver variação nos dados (média = 29; mín = 9; máx = 49; intervalo = 40), 85% das orações subordinadas substantivas encontram-se acima do limite de variação determinado pelo desvio padrão, isto é, apresentam frequência maior do que 16. Como dissemos anteriormente, a tendência de variação da frequência é para cima. A tabela 10 mostra o percentual de orações subordinadas substantivas distribuído ao longo do corpus:

Tabela 10 – Distribuição das subordinadas substantivas no corpus

n=20 ; ocorrências : 1000

Estatística Descritiva	Orações subordinadas substantivas Frequência: 1000	Nº de editoriais	%	
Média	29	49 – 41	5	25
Mediana	27	38 – 33	4	20
Valor Mínimo	9	28 – 18	8	40
Valor Máximo	49	16 – 9	3	15
Intervalo	40			

Estes dados corroboram o estudo de Biber (1988) sobre gêneros, já apontado na Metodologia (cf. pág. 48). Em seu estudo, Biber (1988: 101) afirma que “as construções lingüísticas são freqüentemente recorrentes em certos textos porque são usadas com funções comunicativas compartilhadas por estes textos”. Considerando o propósito comunicativo de um editorial jornalístico – apresentar a opinião do jornal – Biber caracteriza este gênero como altamente interativo e persuasivo. O alto percentual de interatividade é atribuído à alta freqüência de orações subordinadas relativas e substantivas. Sendo assim, ainda que não estabeleça comparação com outros gêneros, como o fez Biber (1988), os resultados de nossa análise somados aos dele reforçam a percepção do papel representativo das orações subordinadas substantivas no gênero editorial institucional. São construções que recorrem com regularidade e que apontam para um saber compartilhado, por isso, interacionais.

No entanto, no caso dos editoriais deste estudo, as expressões referentes à dimensão 6 (por exemplo, “é lógico”), ao contrário de Biber (1988), aparecem esparsamente, somente no caso dos editoriais que se aproximam da oralidade. Nestes casos, expressam opiniões, posicionamento ou declarações pessoais de indivíduos.

Além disso, as orações subordinadas substantivas subjetivas, mostraram-se representativas em nosso corpus. Em valores absolutos, contamos 5 orações subjetivas (2%), o que sinaliza para a prototipicidade desta estrutura no gênero. Estes dados remetem ao estudo de Abreu, que categoriza as subordinadas substantivas subjetivas como as mais prototípicas, e as apositivas como as de menor índice de prototipicidade. Remetem também à nossa discussão sobre factualidade, saliência e função temática. As subordinadas substantivas são os temas reais a nível de discurso, portanto salientes. Ao mesmo tempo, permitem que flutuem pressuposições como “acredito que”, “penso que”, presentes na moldura comunicativa, ou seja, no plano de fundo. Em nosso corpus, as apositivas também se encontram no extremo oposto quanto à regularidade, contabilizando apenas 2 orações (0,2%) no corpus.

Cabe ressaltar que acreditamos que a recorrência de um tipo de estrutura lingüística isoladamente não caracteriza gênero algum, isto é, para caracterizarmos o gênero editorial é necessário avaliar-se outros aspectos

discursivos além da regularidade de uma determinada estrutura sintática, tais como as relações semânticas, elementos pragmático-discursivos e aspectos interacionais. Assim, pensamos que ao aferirmos um alto índice de frequência de orações subordinadas substantivas no corpus, com relevo para as subjetivas, estejamos contribuindo para a reflexão sobre as estratégias discursivas típicas do gênero, sem porém excluir a relevância dos inúmeros outros aspectos pragmático-discursivo e sócio-interacionais que caracterizam o gênero editorial.

4.2 Análise qualitativa

Tendo em vista a grande frequência de orações subordinadas substantivas na fase 1 do estudo (quantitativo), decidimos delimitar o escopo de nossa hipótese de pesquisa. Concentramos nosso olhar sobre as subordinadas substantivas e sua função na construção de sentido no gênero editorial, utilizando como recurso teórico a teoria dos espaços mentais (Fauconnier, 1994) e princípios como mesclagem, perspectivação e jogo figura-fundo. Conforme descrito no capítulo 3 (Metodologia), a análise qualitativa consiste no primeiro passo da segunda fase do estudo, que agora passamos a apresentar, enfocando as subordinadas substantivas à luz dos conceitos norteadores detalhados no capítulo 2.

Considerando que nossa abordagem é de essência psico-pragmática, pensamos que a análise qualitativa não pode ser cega, ao contrário do que foi feito na análise quantitativa. Para analisarmos qualitativamente os dados é essencial contextualizar cada editorial. Seria impossível refletir sobre a pragmática que emerge no discurso através dos MCIs sem que tivéssemos em mente o contexto situacional e o modelo cultural subjacente a cada editorial. Assim, como estratégia de análise, gostaríamos inicialmente de remeter o leitor à tabela 6 apresentada no capítulo 3 (cf. pág. 60), onde encontra-se caracterizada a orientação discursiva de cada jornal. Tendo em vista tal caracterização, analisaremos e discutiremos os dados por grupo, buscando analisar pelo menos um exemplo por grupo e tentando contemplar a variedade de tipos de orações subordinadas substantivas existentes, conforme apresentado por Neves (2000), para verificarmos se nossa hipótese de trabalho se aplica em todos os casos.

Conforme explicitado no capítulo 3, entendemos que a orientação discursiva é determinada por elementos ideológicos, sócio-culturais, sistemas de crenças e modelos culturais que são projetados no discurso explícita e implicitamente. Esta orientação é construída por um sujeito e por sua interação com os modelos culturais do universo onde está inserido e as *gestalts* experienciais que vivencia desde seu nascimento. É, portanto, subjetiva. Retomando aspectos já discutidos no capítulo 2, cabe lembrar que Nietzsche, assim como os sócio-cognitivistas, inclui o sujeito no processo de construção da significação, e nos pergunta: “É a linguagem a expressão adequada de todas as realidades?” (Nietzsche, 1873: 47). O relativismo como parte da metafísica subjacente ao processo cognitivo da linguagem é defendido por Nietzsche, que afirma que o rótulo que damos a uma coisa não passa de uma percepção absolutamente subjetiva. Esta noção, em nossa interpretação, encontra-se alinhada com o conceito de **perspectivação** de Langacker (1991). Para os dois autores, o sujeito não possui a escolha de olhar a realidade como se não pertencesse a ela: ele é “sujeito da percepção” (Langacker, 1991). Propomos, então, uma ponte entre o pensamento de Nietzsche e o conceito articulado pela Linguística Cognitiva.

Da mesma forma, esta orientação faz parte da moldura comunicativa. A moldura comunicativa que enquadra as situações discursivas do corpus é a de EDITORIAL NO BRASIL. Ela caracteriza-se por ações retóricas de concordância, discordância, desafio, questionamento, resposta, persuasão, indignação e problematização de questões socialmente relevantes.

Conforme antecipado por Koch (1993: cap.2), para persuadir o interlocutor quanto ao seu modo de pensar, o discurso argumentativo dos editoriais no corpus usa operadores como: *até, mesmo, inclusive, pelo menos, e, também, ainda, nem, além disso, aliás, portanto, pois, já que, já*, entre outros, “responsáveis (...) pela orientação argumentativa do texto”.

Conjuntamente, presentes nesta moldura comunicativa, estão os três passos da estrutura retórica típica da argumentação descrita no item 3.4 do capítulo de metodologia: (1) resumo do acontecimento, de natureza factual; (2) análise do acontecimento (aspectos positivos e negativos); (3) conclusão pragmática (recomendação, conselho, aviso, sugestão), muitas vezes como se fosse uma coda característica do tipo de texto narrativo.

Dentro da moldura comunicativa também está presente a opinião do produtor do discurso, e conforme aponta van Dijk (1995), “os leitores de jornais esperem que os editoriais formulem opiniões sobre notícias e acontecimentos recentes”. Trata-se, em última análise, de conhecimento compartilhado. A figura 7 esquematiza as partes que compõem a moldura comunicativa dos editoriais do corpus:

Figura 7 – A moldura comunicativa dos editoriais no corpus

- Texto argumentativo
- Ações retóricas: concordar, discordar, questionar, desafiar, contestar, responder, atacar, persuadir, lamentar,...
- Operadores argumentativos:
 - *até, mesmo, até mesmo, inclusive, pelo menos, e, também, ainda, nem, além disso, aliás, portanto, pois, já que, já, ...*
- Expectativas dos leitores: há uma opinião; há a voz da instituição; há um alinhamento ideológico.
- Situação/contexto comunicativo: artigo argumentativo/persuasivo publicado na coluna editorial de um jornal, com objetivo de emitir a opinião do jornal sobre fatos da realidade, convencendo o leitor de que sua opinião tem credibilidade e merece ser considerada.

Passamos então à análise de casos específicos do corpus. Dada a grande quantidade de exemplos verificados durante a análise, decidimos discutir apenas aqueles que consideramos mais representativos do todo, buscando analisar tipos diferentes de orações subordinadas substantivas. Conforme dissemos anteriormente, a orientação discursiva como parte da moldura comunicativa norteará a análise dos exemplos pertencentes a cada grupo de editorial conforme a tabela 6 (cf. Metodologia, pág. 59). Finalmente, a notação utilizada para representar graficamente os espaços genéricos, MCIs e domínios difere da de Fauconnier (1994; 1998), Turner (1994) e Fauconnier e Turner (2002) simplesmente por facilidade de composição gráfica. Ao invés de círculos, utilizamos quadrados.

4.2.1 Análise dos editoriais do grupo 1

Entre os editoriais do grupo 1 (Correio do Povo, POA), pertencentes à região Sul do Brasil, percebemos que a orientação discursiva é de uma economia mundial globalizada. A opinião do jornal é modelada tendo como objetivo tratar do tema da guerra dentro da esfera econômica global. O exemplo (11) retirado do editorial “Os efeitos da guerra na economia”, pertencente a este grupo, ilustra como o jogo figura-fundo impõe alinhamento na cena discursiva e coloca no plano de fundo as características de uma economia mundial globalizada assim como a opinião do sujeito que age na cena discursiva da moldura editorial. Ou seja, a linha editorial da instituição.

Esta estratégia psico-pragmática faz com que o foco de atenção seja direcionado para a factualidade que transita no espaço B da realidade apreendida, deixando difuso os vários outros espaços nos quais flutuam pressuposições e a opinião do sujeito que age na cena discursiva. Trata-se de uma estratégia para gerenciar os recursos de atenção.

Podemos portanto dizer que a oração subordinada substantiva objetiva direta (sublinhada) sinaliza o espaço-mescla de referenciação onde partes provenientes do EM das crenças do produtor do discurso e partes provenientes do EM da realidade apreendida (dos fatos ocorridos na vida “real”¹⁸) são projetadas através da função pragmática que relaciona tais espaços. Embora discursivamente a oração subordinada represente informação não marcada, perceptualmente ela é saliente:

- (11) O risco crescente de uma intervenção militar dos Estados Unidos no Iraque e as repercussões econômicas do conflito no Brasil estão sendo avaliados pelo governo, embora as fontes oficiais tentem minimizar as preocupações com a questão. O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, admite que a guerra, caso ocorra, provocará uma crise aguda, mas temporária, sem impactos permanentes. Ao negar que a área econômica esteja preparando um pacote de medidas para enfrentar os problemas que a crise poderá gerar e que de imediato se farão sentir na elevação da taxa de câmbio e do aumento do preço do petróleo, Palocci

¹⁸ A palavra real encontra-se entre aspas para enfatizar o fato de que filosoficamente, tudo o que chamamos de realidade é relativo, já que a realidade é percebida de maneiras diferentes em função dos mais diversos fatores.

espera que o comércio exterior, incentivado, possa contribuir de forma efetiva para amenizar os efeitos do conflito bélico numa das mais importantes regiões petrolíferas do mundo.

O sintagma nominal formado pelo sujeito da oração principal mais o epistêmico ‘admite’ introduzem um espaço mental base B (compartilhado) e um espaço mental C (das crenças), que estabelecem relações de correspondência e complemento, gerando um espaço mescla M. Neste espaço, sinalizado pela oração subordinada substantiva, uma informação nova e ideacionalmente saliente é apresentada, deixando como pano de fundo a opinião da instituição, o jornal Correio do Povo. É o contexto quem permite que a subordinada substantiva apareça no plano de frente e domine os recursos de atenção. Ou seja, gramaticalmente é uma informação subordinada e sua função deveria ser de apenas elaborar as informações da oração principal como pano de fundo para a construção do sentido (cf. Neves, 1997). No entanto, ideacionalmente e perceptualmente funciona como figura, tornando-se, portanto saliente. Parte das informações que transitam no espaço base B e parte das informações que transitam no espaço C (das crenças) são projetadas no espaço mescla através da função pragmática, isto é, da orientação discursiva de economia mundial globalizada, que estabelece as relações de correspondência entre os diferentes domínios, pois segundo Fauconnier (1997: 70-71), “as configurações espaciais são simultaneamente construídas pragmática e semanticamente. Não existe configuração que corresponda apenas a informações semânticas que mais tarde seriam preenchidas pelas informações pragmáticas”. A mescla destas projeções resulta em uma informação nova, apresentada de forma não marcada (através da oração subordinada substantiva), deslocando a atenção do leitor para o fato e afastando do conhecimento compartilhado, via moldura comunicativa, de que há um sujeito responsável por aquela perspectiva. O efeito gerado aproxima a realidade apreendida dos leitores instaurada no espaço-base B com a crença do produtor do discurso no espaço C. Esse efeito advém basicamente do deslocamento da moldura comunicativa para o plano de fundo e parece apontar para um tratamento da flutuação das pressuposições como mesclagem.

Em (11), os espaços mentais ativados encontram-se estruturados pelos MCIs de guerra, de globalização e de crise econômica gerada pela guerra. Estes MCIs

emolduram o discurso e contribuem para que a orientação discursiva estabeleça uma relação de correspondência entre os domínios localmente ativos, o das crenças e o da realidade.

Assim, em (11), quatro domínios distintos encontram-se enquadrados pela moldura comunicativa de Editorial no Brasil e estabelecem relações de correspondência por meio da orientação discursiva: um espaço genérico onde há uma possibilidade de guerra entre EUA e Iraque com conseqüências econômicas para o Brasil; o espaço mental B (da realidade apreendida), com suas partes: o ministro Pallocci, a guerra eminente, fontes oficiais, o governo, os EUA, o Iraque, o Brasil, entre outras que não se encontram em foco; o espaço mental C (das crenças do produtor do discurso), com suas partes: uma guerra de fato e uma crise aguda e temporária. Estes três espaços estabelecem correspondências entre suas partes, através do Princípio do Acesso, e geram um domínio mescla onde não mais importa se o que é dito é fato ou crença, mas sim que a credibilidade seja sustentada por fatores da situação discursiva (cf. Fauconnier, 1997).

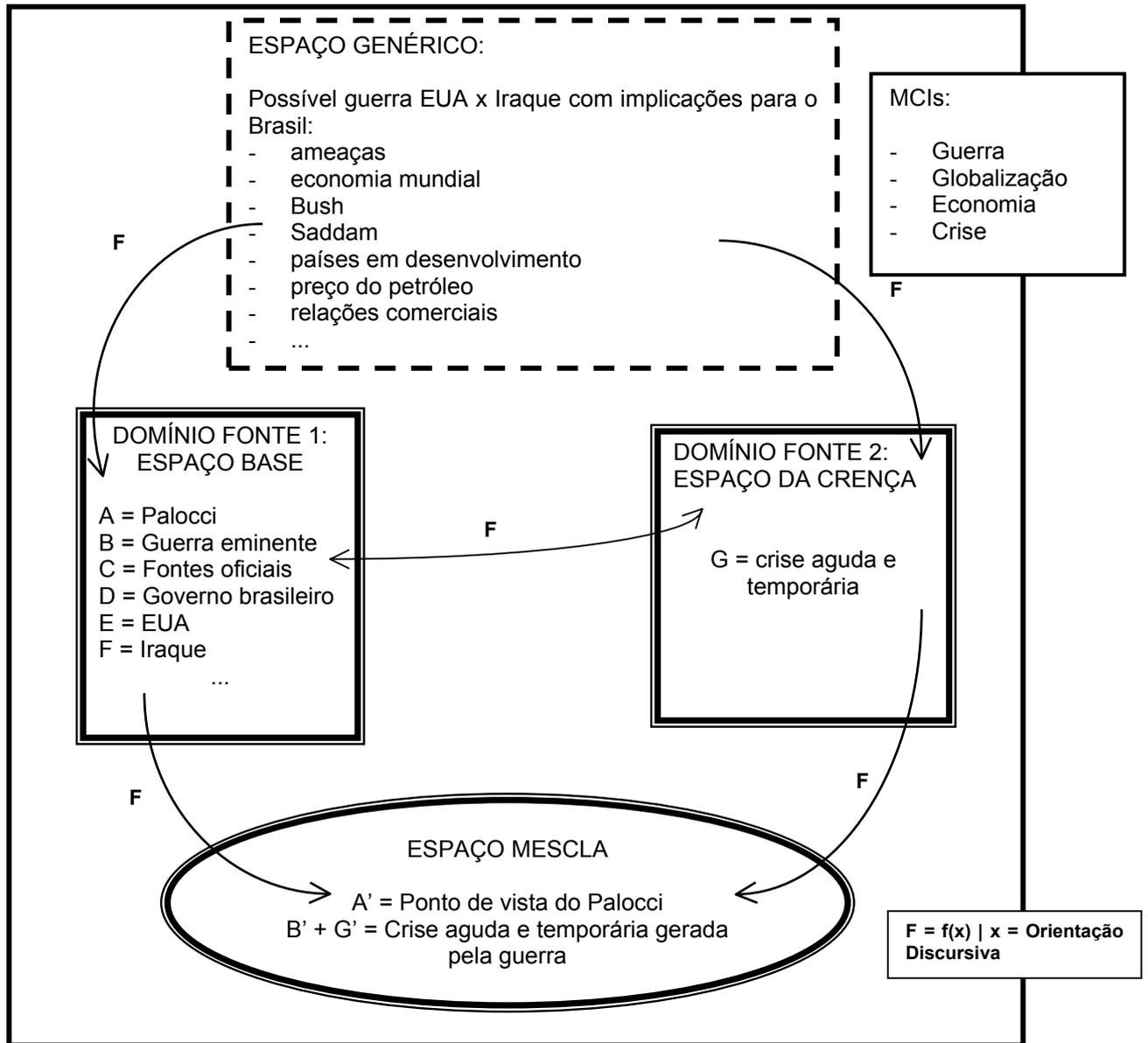
Neste domínio, sinalizado pela oração subordinada substantiva (sublinhada), a relação entre “guerra” e “crise aguda e temporária” é estabelecida, tornando difícil a distinção entre fato e crença, pois a pista que sinaliza a presença de crenças está deslocada para o plano de fundo, portanto foge ao foco de atenção. Nesse espaço mescla, há uma crise aguda e temporária gerada pela guerra, com conseqüências para o comércio exterior, para o preço do petróleo e para a economia brasileira como um todo.

Cabe ressaltar que o produtor do discurso distingue governo, fontes oficiais e Ministro da Fazenda, como se as três entidades pertencessem a esferas diferentes do poder. Ao apresentar a voz do ministro em forma de discurso reportado, ativa outro espaço mental que o isenta de responsabilidade sobre as assertivas, ao mesmo tempo que imprime credibilidade ao discurso.

Neste jogo de mesclagem, crenças e pontos de vista ganham valor de “verdade” e a **perspectivação** assume papel relevante, já que os interlocutores são vistos como co-construtores do discurso, “sujeitos da percepção” (Langacker, 1991: 316). É a visão de um sujeito singular, pragmaticamente envolvido na situação discursiva, que impõe a assimetria figura-fundo, estrategicamente gerenciando os recursos de atenção de seus interlocutores. A figura 8 ilustra o processo de mesclagem no exemplo (11):

Figura 8 – A guerra como crise aguda e temporária

MOLDURA COMUNICATIVA: O editorial no Brasil



Fauconnier (1997: 181), ao afirmar que “a construção da mescla ‘certa’ depende extremamente do contexto e de informações de pano de fundo disponíveis”¹⁹, colabora com nossa interpretação. Assim, consideramos que no espaço mescla M, em (11), a relação de correspondência entre “crise aguda e temporária” e “guerra” é estabelecida via orientação discursiva de economia mundial globalizada, presente na moldura comunicativa de Editorial no Brasil.

Buscando em outro exemplo reforço para nossa interpretação, introduzimos o exemplo (12):

- (12) É muito difícil dimensionar, num exercício de futurologia econômica, as conseqüências do conflito bélico em nossa economia. Estaremos, na condição de país emergente e, como tal, dependente de investimentos estrangeiros, sujeitos ao comportamento do mercado internacional de capitais. Se os recursos disponíveis para investimentos com verbas governamentais já eram considerados escassos, em caso de guerra, teremos, inevitavelmente, de apertar mais ainda o cinto, para que os compromissos assumidos pelo Brasil possam ser cumpridos e para que a política econômica não sofra maiores desarranjos.

Em (12), o domínio B (da realidade apreendida) possui as seguintes partes: a guerra, o Brasil como país emergente, o mercado econômico internacional, os compromissos econômicos estabelecidos. No espaço C (das crenças) há as seguintes partes: uma relativa à dificuldade de dimensionar conseqüências e outra aos efeitos na economia. Estes dois espaços estabelecem relações de correspondência entre si e com um espaço genérico mais amplo, onde há oscilação nos mercados, recursos financeiros, investimentos, invasões bélicas, bloqueios comerciais, entre outros.

A orientação discursiva do editorial permeia as escolhas discursivas feitas pelo produtor do discurso e funciona como o elo entre os domínios conceptuais ativados pelo IE e estruturados pelos MCIs de guerra, política econômica, previsões esotéricas, comércio exterior, entre outros.

Neste cenário, a oração subordinada substantiva subjetiva clivada (sublinhada) apresenta uma opinião escamoteada no plano de fundo (a do jornal, que “acredita ser muito difícil fazer algo...”). Ao mesmo tempo, remete a um valor semântico de factualidade, pois o cópula na forma clivada introduz um espaço mental caracterizado pela factualidade (cf. Fauconnier, 1994 e Neves, 2001). Em nosso corpus observamos a alta recorrência deste tipo de estrutura. O cópula “é” ativa um espaço mental onde se pressupõe a existência de um acordo entre leitor e produtor de discurso quanto à natureza (verdadeira/ou falsa) daquela informação. Além disso, a oração clivada sombreia o sujeito responsável pelo ponto de vista

¹⁹ “Building the ‘right’ blend depends highly on context and available background” (Fauconnier, 1997:181).

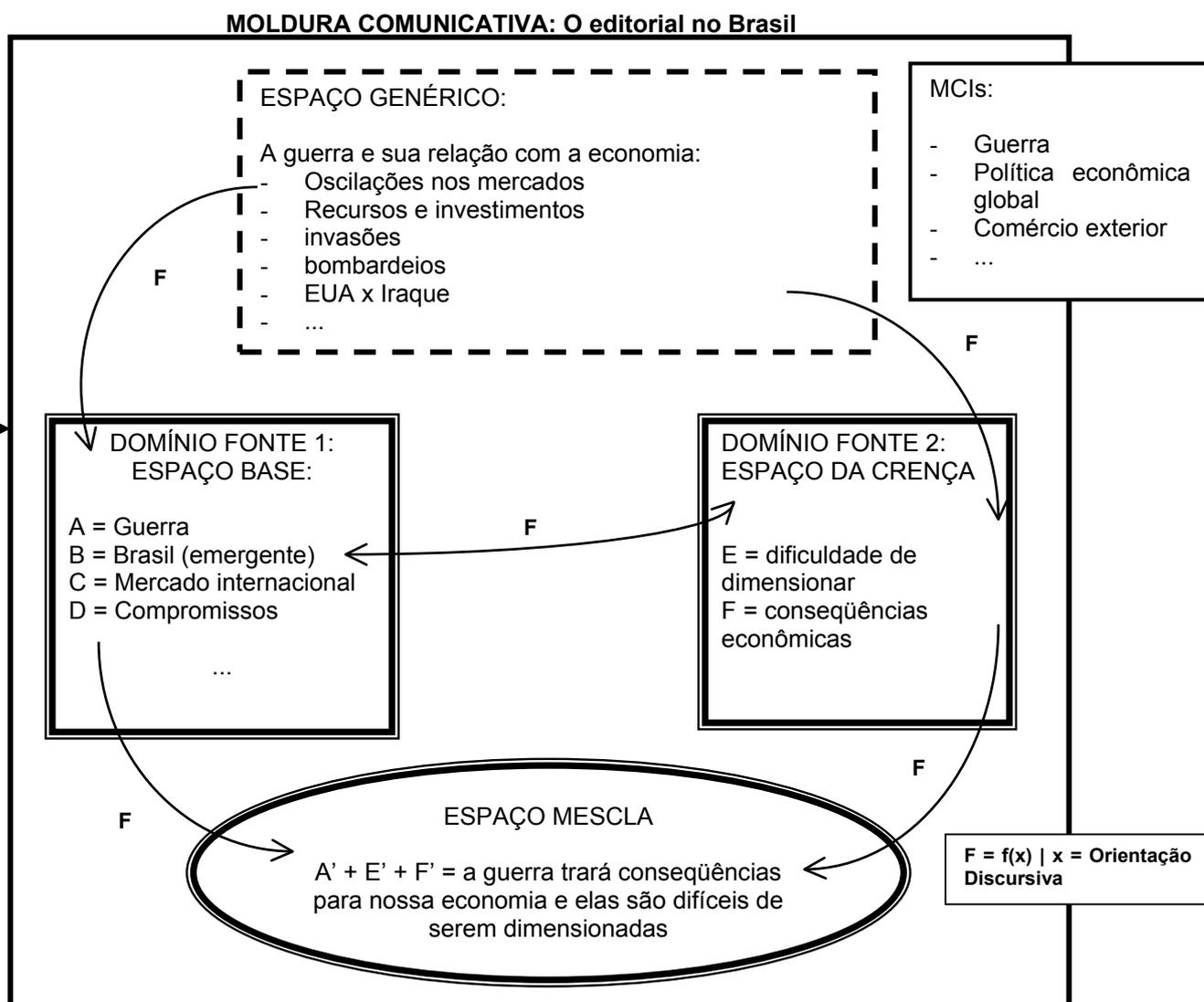
discursivo, criando a impressão de que a opinião do editorial é compartilhada por todos os interlocutores da situação comunicativa, quando muitas vezes não o é.

Como as subjetivas foram as subordinadas mais prototípicas do corpus, o somatório de nossa análise quantitativa e qualitativa sinaliza para processos psicopragmáticos. Isto é, a prototipicidade das orações subordinadas substantivas subjetivas parece estar estrategicamente relacionada à factualidade sinalizada pelas expressões clivadas e à projeção da assimetria figura-fundo. Ao clivar suas orações, o produtor do discurso estrategicamente mantém no foco de atenção informações novas em uma oração subordinada, fazendo com que sua opinião, presente no contexto, funcione como fundo, e as subordinadas como figura. Ou seja, a análise das inúmeras subjetivas aponta que trata-se de estrutura psicopragmática **marcada**, como antecipamos na revisão da literatura.

Assim sendo, em (12), o IE “É muito difícil” ativa domínios conceptuais, emoldurados pela moldura comunicativa de Editorial no Brasil. Esta moldura é derivada do contexto situacional que, segundo Chiavegatto (2002: 171), “restringe as possibilidades interpretantes dos signos lingüísticos que se processam em uma dada situação comunicativa”.

Paralelamente, os MCIs de economia, de globalização, de guerra e de esoterismo estruturam os domínios ativados nesta situação comunicativa, entre os quais, o espaço mescla, onde partes oriundas de um espaço mental B (da realidade apreendida) e de um espaço mental C (das crenças) são projetadas segundo o Princípio do Acesso. O domínio mescla é sinalizado pela oração subordinada substantiva subjetiva clivada, corroborando nossa hipótese de trabalho. Apesar dos vários espaços onde flutuam pressuposições permanecerem ativos na cena comunicativa, os leitores não se apercebem disso, pois a assimetria figura-fundo canaliza todos os recursos de atenção para a informação figura. A significação que emerge no espaço mescla não é uma “coisa” completa e fechada em si mesma, mas sim uma derivação de “operações complexas de projeção, colagem, ligação, mesclagem e integração em múltiplos espaços” (Turner, 1996:57). A figura 9 ilustra a discussão referente ao exemplo (12):

Figura 9 – Conseqüências da guerra como exercício de futurologia



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0210373/CA

Cabe lembrar, que segundo Turner (1996: 99) “todos os jornais e revistas de notícias possuem colunas editoriais e que uma investigação superficial em cada uma delas revelará uma rotina preferencial em seu processo de escrita: produzir uma grande quantidade de espaços mescla com detrimento da qualidade, e freqüentemente construídos com dificuldade”²⁰.

A orientação discursiva e a ação do sujeito na cena comunicativa possibilitam a mesclagem entre domínios, de modo que uma opinião (a guerra trará conseqüências para nossa economia e elas são difíceis de serem dimensionadas) ganhe valor de “verdade”, quando de fato não se sabe se haverá tais conseqüências nem se elas serão fáceis ou difíceis de serem dimensionadas.

Novamente, esta análise nos remete ao fenômeno da perspectivação (Langacker, 1991) e à abordagem relativista de Nietzsche (Coleção os Pensadores, 1978:47). As pistas lingüísticas que emergem no discurso apontam para domínios cognitivos construídos pelo sujeito (emissor institucional) em função de sua própria percepção das múltiplas realidades. Além disso, o exemplo (12) corrobora aquilo que Turner (1996: 96) nos mostra, através de um exemplo retirado da obra de Hemingway, *O velho e o mar*, isto é, que as “verdades” são assim consideradas apenas em relação aos espaços mentais onde operam. Segundo ele, o pescador de *O velho e o mar* vê sua própria mão com cãibra como um adversário **apenas** no espaço mescla construído, mas no espaço da pescaria e de seu próprio corpo isto não se mantém. Através deste exemplo, Turner (1996) nos demonstra que os espaços são inconscientemente mantidos ativos com suas características individuais, separadamente.

O exemplo (13) ilustra mais uma vez como a mesclagem e o jogo figura-fundo funcionam como estratégias psico-pragmáticas no discurso editorial. Apesar de ‘notícia’ ter sido tematizada no início do primeiro parágrafo do editorial “A guerra e a economia americana” (em negrito), nunca foi de fato explicitada. Tal explicitação só aparece no 2º parágrafo, na oração subordinada substantiva completiva nominal (sublinhada):

(13) **A guerra e a economia americana**

A notícia apareceu, pelo menos nos jornais brasileiros, em espaços reduzidos, de páginas interiores. **Só lhe** concederam destaque as publicações especializadas, e mesmo essas com evidente sentido de tentar o escamoteio da situação. O povo está com a atenção voltada para a possibilidade, cada vez mais provável, da eclosão da guerra insana que George W. Bush e seus falcões projetam contra o Iraque. Se isso acontece aqui, imagine-se o que se está passando nos Estados Unidos. Lá uma tensão latente sacode a população. As ameaças de terrorismo chegam de todas as partes do mundo árabe. Bin Laden, que sobreviveu a todos os ataques contra ele desfechados pela custosa campanha contra o Afeganistão, não deixa por menos: o terror cobrará com juros e correção todo o mal a que for submetido o território iraquiano. A ameaça é concreta, pois vem de quem a propaganda oficial identificou como o autor intelectual do fantástico e até então impensável episódio de 11 de setembro de 2001. Todos são suspeitos, o terror não tem cara nem carteira

²⁰ “Every newspaper and news magazine carries editorial columns. A cursory survey of them will reveal that a favorite routine for writing a column is to churn out a blended space, often labored”.

de identidade: é tão sinistro quanto traiçoeiro, tão cruel quanto eficiente no ataque.

Conseqüentemente, a notícia de que a economia norte-americana vem sentindo já os perniciosos efeitos que a máquina de guerra produz, *efeitos* esses nítidos nas estatísticas das *falências*, tinha que ser, tanto quanto possível, ocultada à opinião pública. Processos de *falências* ou simplesmente de *concordatas* bateram recorde no ano passado, com o fato se fazendo notar na segunda metade do período. *Um milhão e quinhentas e oitenta mil empresas e pessoas físicas* bateram às portas do poder Judiciário com seus pedidos de *ações falimentares* ou *concordatárias*. Vale dizer, a propósito das últimas, que a legislação americana é muito mais rígida para o caso do que qualquer outra do mundo, tornando-se *difícil* a qualquer solicitante de concordata a *reabilitação e a sobrevivência*.

Ou seja, a subordinada substantiva introduz uma informação nova. O próprio desenvolvimento do parágrafo é prova da novidade introduzida pela oração subordinada substantiva, pois os “efeitos perniciosos” ali enumerados são devidamente introduzidos como “falências” na cadeia lexical do discurso: efeitos perniciosos = “falências”; “um milhão e quinhentas e oitenta mil empresas”; “concordatas”; “difícil sobrevivência”. No entanto, o teor da “notícia” é introduzido de forma sintaticamente não marcada, quando o jogo figura-fundo lhe impõe saliência perceptual.

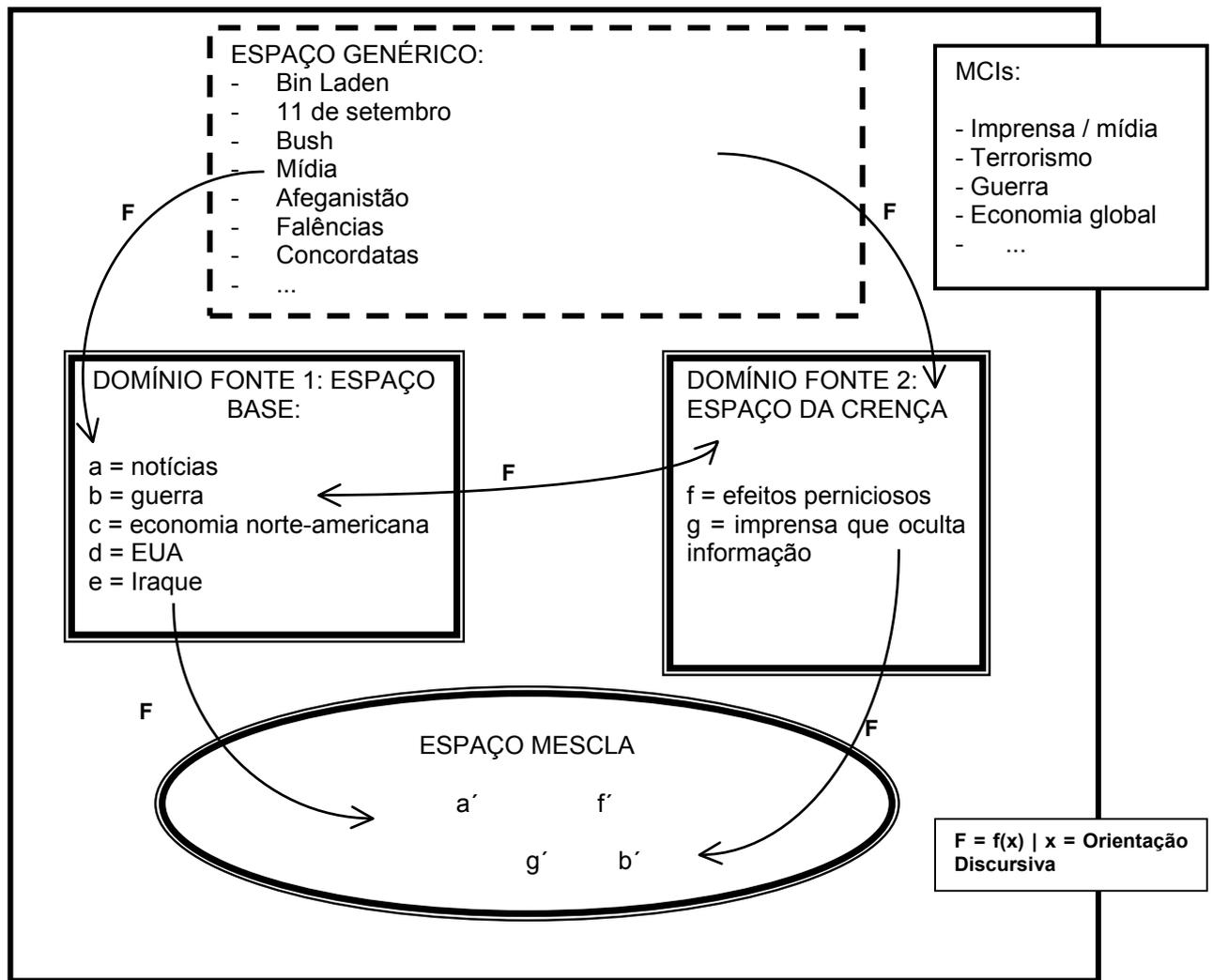
Esta escolha feita pelo produtor do discurso não é arbitrária, conforme nos adiantou Fauconnier (1994: 162): “em uma situação conversacional, o fato de que algo é dito é pragmaticamente saliente; o espaço “do que é dito” é estabelecido”. Esta escolha tira o foco de atenção daquilo que parece ser a idéia principal do editorial, isto é: a imprensa está ocultando a notícia de que a economia norte-americana já vem sentindo os efeitos perniciosos da guerra. Esta estratégia discursiva permite que a orientação discursiva do jornal, alinhada com uma economia mundial globalizada, seja reforçada, pois desloca o foco de atenção para o cenário de ameaças terroristas e de retaliação norte-americana.

Cognitivamente, os MCIs de terrorismo, guerra, economia global e imprensa/mídia estruturam o espaço mescla onde é estabelecida uma relação de correspondência entre problemas na economia americana e a guerra. Esta mescla de idéias emerge a partir da projeção feita entre as partes pertencentes aos domínios cognitivos C (das crenças do produtor do discurso) e B (da realidade

percebida dos fatos), bem como das correspondências estabelecidas com o espaço genérico, via moldura comunicativa, onde as pistas contextuais do plano de fundo se encontram. A figura 10 ilustra o processo de projeção e mesclagem referente ao exemplo (13):

Figura 10 – A guerra como fator de efeitos perniciosos na economia americana

MOLDURA COMUNICATIVA: Editorial no Brasil



No espaço mescla, a informação que emerge é de que “a máquina de guerra produz/é responsável pelos efeitos perniciosos na economia norte-americana e que esta notícia tem sido ocultada pela imprensa”. Esta informação não condiz com evidências de que a guerra tem sido usada pelos Estados Unidos como estratégia de recuperação de uma economia que já se encontrava estagnada, bem como para

tirar do foco da mídia os diversos escândalos envolvendo grandes empresas norte-americanas (tais como o da Emron e da MCI). Portanto, é a **perspectiva** do produtor do discurso, agindo como sujeito na cena comunicativa, que é sinalizada pela oração subordinada substantiva. No entanto, esta perspectiva permanece sombreada. Como participantes críticos deste cenário geo-político, sabemos que os “efeitos perniciosos” existentes na economia norte-americana não necessariamente advêm da máquina de guerra e já estavam sendo anunciados muito anteriormente, pela seqüência de falências e escândalos.

Com base na análise dos exemplos (11), (12) e (13) percebemos que as orações subordinadas substantivas nos editoriais têm como função psico-pragmática apresentar informações perceptualmente salientes, com carga semântica de factualidade, dominando os recursos de atenção da memória de trabalho (Khalil, 2000, Kibrik, 1997, Grundy e Jiang, 2001). O efeito desta estratégia leva os interlocutores a não perceber a diferença entre fato e opinião, entre a verdade do produtor do discurso e as outras inúmeras verdades relativas que podem povoar a moldura comunicativa.

A análise também sinaliza que as orações subordinadas substantivas objetivas diretas (ex.11) funcionam de forma diferenciada cognitivamente das completivas nominais e subjetivas. Nas objetivas diretas, há o discurso reportado (indireto) podendo haver ou não flutuação de pressuposição para o espaço-base. Nas subjetivas, a pressuposição já está no espaço-base. Os SNs que ocorrem nas subjetivas e completivas nominais estabelecem pressuposições no espaço base, enquanto que os SNs que ocorrem nas objetivas diretas estabelecem pressuposições no espaço de crença, que podem não flutuar para o espaço base.

4.2.2 Análise dos editoriais do grupo 2

Os editoriais do grupo 2 (Gazeta de Alagoas), pertencentes à região Nordeste do Brasil, apresentam uma orientação discursiva calcada em um modelo cultural anti-imperialista, nacionalista e pró-diplomacia. O editorial “A guerra e nós”, que aciona MCIs de guerra, de sociedade e de nacionalismo, contém o exemplo (14). Além destes MCIs ativados pelo título, outros MCIs são ativados ao longo do discurso. Para discuti-los, partiremos de uma oração subordinada

subjativa (sublinhada em 14) e tomaremos como norte a discussão de Abreu (1997), que categoriza as subjativas como as subordinadas mais prototípicas:

- (14) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva prometeu, em discurso proferido nesta semana, encaminhar, ao Congresso Nacional, no mês de abril, as reformas tributária e previdenciária. Essas propostas viraram projetos ainda no governo passado, mas não foram adiante. Hoje, parecem ser os únicos pontos da agenda que o governo tem para tirar o país do buraco.
- As duas reformas são importantíssimas, porém, o País precisa mais que isso. Precisa de ações imediatas voltadas para todos os prazos (curto, médio e longo). O Brasil não pode continuar patinando num crescimento sofrível do Produto Interno Bruto (PIB), da ordem de 1,52%, incapaz de atender as nossas necessidades de desenvolvimento.
- Voltando à guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, é muita temeridade apostar num único cenário: uma vitória rápida americana (ainda que muito provável). É preciso encarar cenários mais difíceis. Mesmo se a ocupação do Iraque acontecer da forma como os americanos planejaram, o céu global não será de brigadeiro. Nuvens carregadas prometem mais sombras.

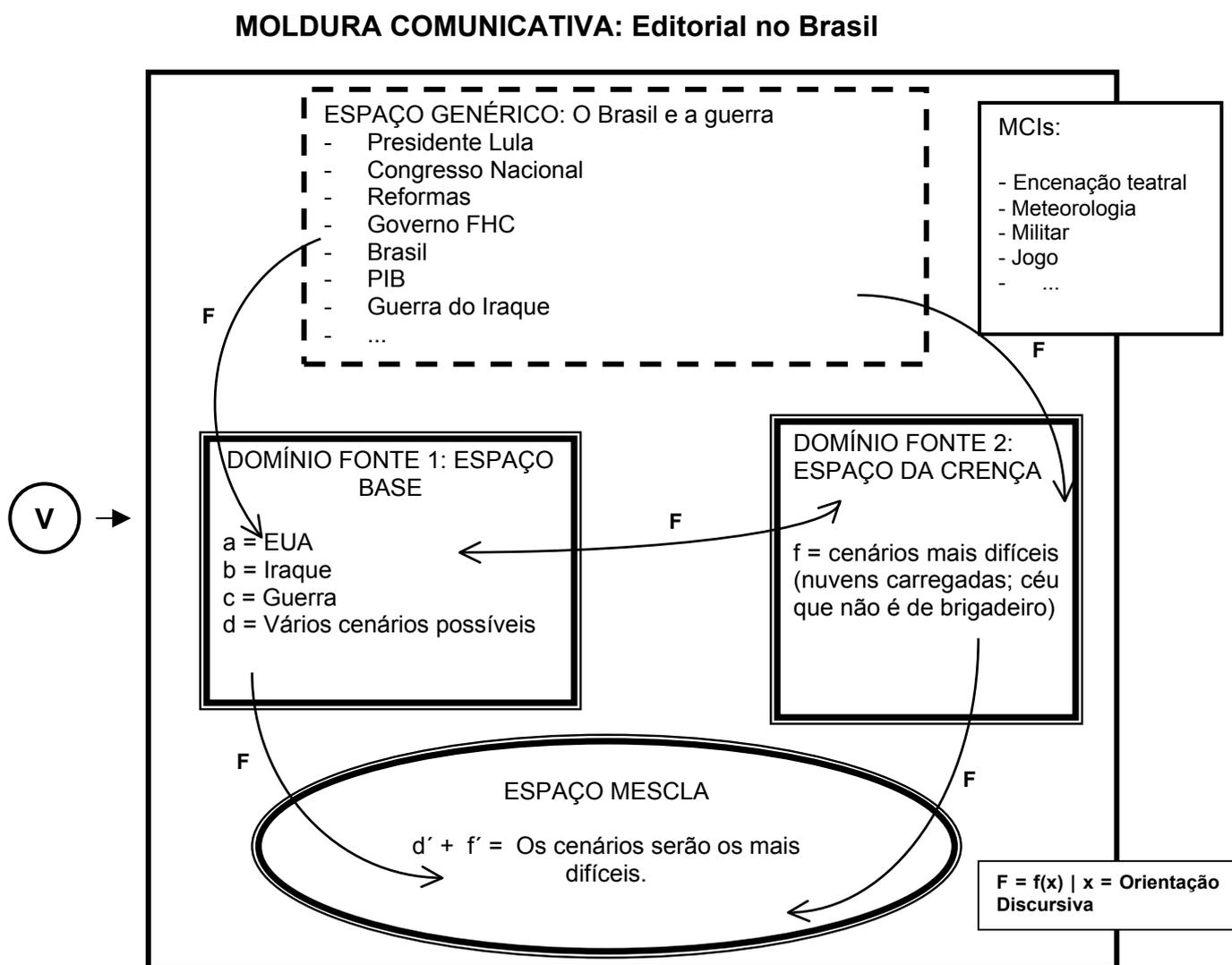
Neste exemplo, encontram-se ativos MCIs de encenação teatral, de meteorologia e de organizações militares. Estes MCIs estruturam os espaços mentais introduzidos pelo cópula na estrutura clivada onde se encontra a oração subordinada substantiva subjativa (sublinhada). A informação figura, perceptualmente saliente, é de que haverá cenários mais difíceis. No entanto, ela aparece de forma não marcada. É uma pressuposição que projeta a perspectiva do produtor do discurso. O intuito é transmitir a opinião de que “Nós temos que encarar estes cenários mais difíceis”; no entanto, esta pista contextual permanece no plano de fundo e não é apresentada explicitamente. O produtor do discurso elege um tipo de estrutura, a subordinada substantiva, que **não** marca sintaticamente o sujeito, mas sim que o torna perceptualmente difuso. Ao mesmo tempo, estruturas do tipo “É x que y” (ou sua forma reduzida) ativam EMs onde pressuposições flutuam livremente, ganhando assim valor de fatos compartilhados e inquestionáveis.

Dentro da moldura comunicativa de Editorial no Brasil, diversos domínios conceptuais são instaurados, organizados pelos MCIs e pela perspectiva do produtor do discurso. No domínio genérico, há, entre outras, as seguintes partes: o presidente Lula, o Congresso Nacional, as reformas, o governo FHC, o Brasil, o PIB, a guerra do Iraque. No espaço mental B (da realidade apreendida), temos os EUA, o Iraque, a guerra em andamento e vários cenários (conseqüências)

possíveis. No espaço mental C (das crenças), temos cenários mais difíceis, caracterizados por nuvens carregadas e por um céu que não é de brigadeiro. O sujeito que age na cena discursiva coloca em perspectiva esta situação comunicativa a partir da estrutura factual “é preciso encarar”. O modelo cultural anti-imperialista, nacionalista e pró-diplomacia estabelece a relação entre as partes e dá origem a um espaço mescla onde a seguinte implicatura permanece: haverá cenários mais difíceis (na realidade).

No entanto, a configuração dos espaços nos permite perceber que isto é apenas uma crença que foi colada com a realidade: a crença do produtor do discurso. Na verdade, há vários cenários possíveis, e no momento em que o editorial foi produzido (29/03/2003), não se sabia de fato se eles seriam mais ou menos difíceis. A figura 11 ilustra a configuração dos espaços relativos a (14):

Figura 11 – A configuração espacial de um cenário global tempestuoso



A continuação do parágrafo corrobora esta análise, já que ao afirmar que o “céu global não será de brigadeiro”, o produtor do discurso lança mão de uma metáfora estruturada por MCIs de organização militar e de meteorologia para explicitamente, de forma sintaticamente não marcada, reforçar a opinião anteriormente emitida como indiscutível.

Enfim, em (14), o cópula “é” funciona como introdutor de espaços mentais que abre um espaço C onde a opinião do produtor do discurso de que “haverá cenários mais difíceis” e a pressuposição de “que nós precisamos encará-lo” flutuam e transitam livremente. Neste espaço, partes do espaço mental B da realidade apreendida são relacionadas a partes do espaço mental C (das crenças do produtor do discurso), gerando uma mescla e fazendo com que uma opinião seja percebida como informação já dada ou compartilhada pelos interlocutores. Como diz Langacker (1991: 35),

“meaning of an expression is not fully given by an objective characterization of the scene it describes. People have the capacity to construe a scene by means of alternative images, so that semantic value is not only simply received from the objective situation but instead is in large measure imposed on it”.

Apesar de fugir do escopo desta dissertação, cabe aqui mencionar que os jornais deste grupo (Gazeta de Alagoas) apresentam características típicas da linguagem oral. Acreditamos que esta peculiaridade derive das próprias características culturais do povo da região onde os editoriais foram publicados. A diretividade do nordestino parece se projetar no discurso através de recursos discursivos da oralidade. Esta observação também reforça nossa interpretação sobre o papel da função pragmática na construção da significação. O contexto situacional do Nordeste se projeta no discurso nas escolhas lingüísticas e retóricas deste grupo de editoriais. Remetendo ao “Apelos pela paz” (cf. Anexo 1, editorial Apelos pela paz, último parágrafo), também vemos nele tal projeção. Ele foge às regras formais de pontuação e do discurso escrito e usa sentenças extremamente curtas, apresentando entoação de discurso oral. No nível ideacional, os marcadores discursivos (como “lógico”) preenchem um espaço semântico onde o posicionamento ideológico do produtor do discurso fica marcado. O grau de interatividade também aumenta significativamente em relação aos outros grupos, corroborando a visão de Biber (1988) de editoriais sobre o discurso oral.

4.2.3 Análise dos editoriais do grupo 3

A orientação discursiva do editorial do grupo 3 (Diário de Pernambuco), que pertence à região Nordeste do Brasil, é pacifista e favorável à união dos povos, dentro de um modelo cultural de globalização política e econômica. O título do editorial, “Não à guerra”, ativa um MCI de pacifismo.

Além do MCI de pacifismo, encontram-se ativos os MCIs de sociedade global, de regimes de governo, de diplomacia e de geografia mundial. Emoldurado por estes MCIs, o espaço mental C (das crenças do produtor do discurso) é estruturado a partir das relações que estabelece com as partes do espaço mental base B (da realidade compartilhada).

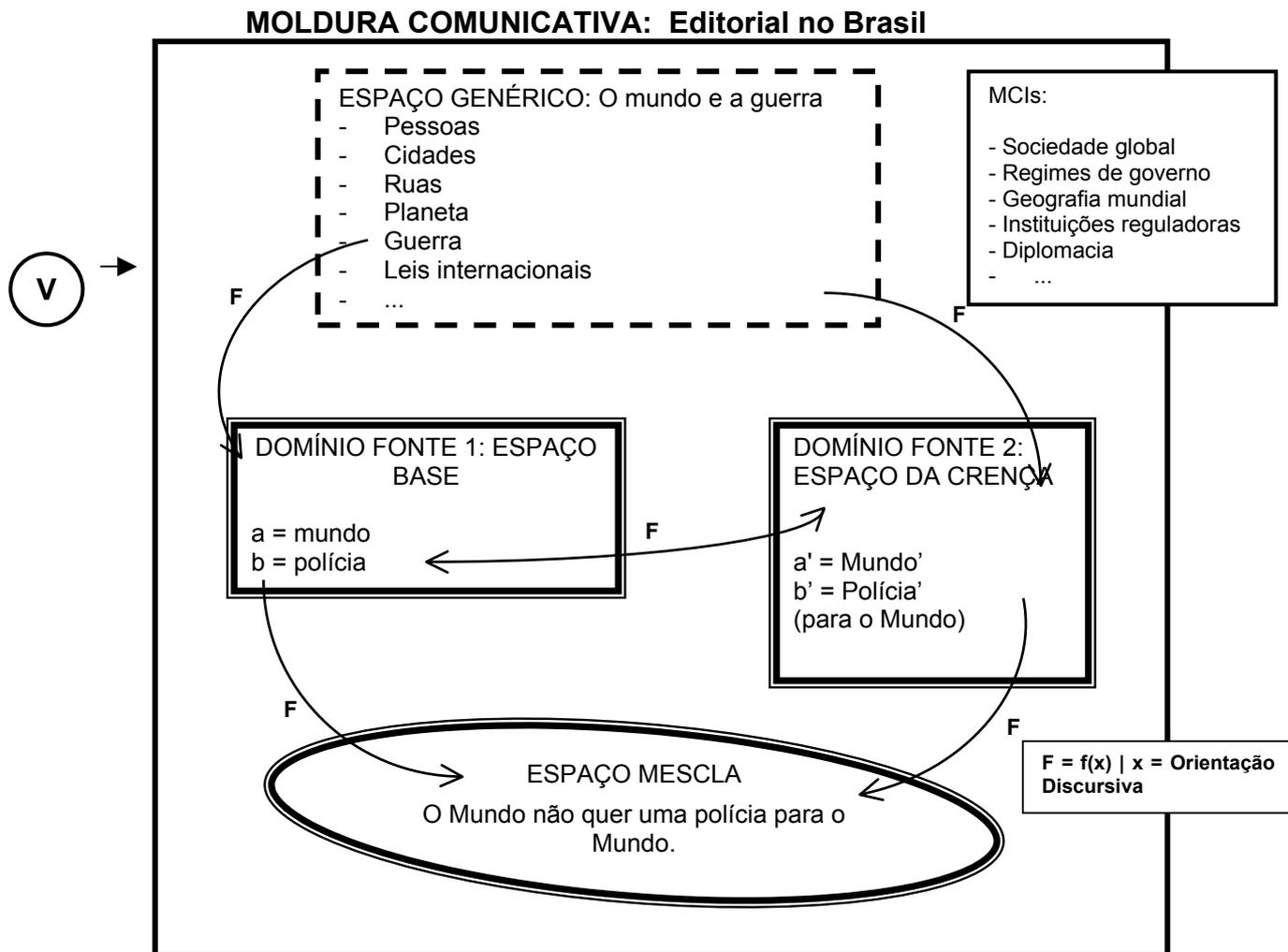
A oração subordinada substantiva “O Mundo não quer uma polícia para o Mundo” no exemplo (15), instaura um espaço conceptual genérico onde temos pessoas, cidades, ruas, o planeta, a guerra, leis internacionais, entre outros elementos que entram em correspondência com os espaços instaurados pelos IEs – o epistêmico “deixou claro” + o conectivo “que”. Estes IEs ativam os seguintes espaços mentais: o EM B (da realidade apreendida) e o EM C (das crenças do produtor do discurso). Em B, temos as seguintes partes em foco: o mundo (real, com letra minúscula e suas características próprias) e a instituição “polícia”, com suas características (zelar pela segurança dos cidadãos em cada sociedade individual, ou seja, a polícia não existe como instituição global). Em C, temos um Mundo’, que não quer uma polícia para o Mundo, e uma polícia’, caracterizada como uma instituição global identificada com os EUA. Ao se complementarem, estas partes dão origem ao espaço M (mescla).

O jogo figura-fundo também corrobora psico-pragmaticamente, colocando no foco de atenção a subordinada substantiva objetiva direta, o espaço mescla. Com isso, as crenças do produtor do discurso ficam proeminentes, com valor factual. Discursivamente, a oração subordinada avança o dito no primeiro parágrafo, que tem reforço na seqüência de substantivas que, discursivamente, trazem informações já ativas no discurso (portanto, velhas), mas, perceptualmente, continuam salientes, até mesmo pela própria repetição. Mais do que nunca a opinião do sujeito discursivo fica sombreada e o efeito gerado é que a opinião é do “Mundo”, assim sendo de todos nós.

- (15) O Mundo diz não à guerra. As milhões de pessoas que lotaram ruas e praças de mais de 600 cidades do planeta no dia 15 deram a maior demonstração de pacifismo da história da humanidade. Em Londres, Paris, Roma, Nova Iorque, Berlim, Tóquio e Rio, gente de todas as raças, credos e ideologias deram-se as mãos num eloqüente e inequívoco recado aos governantes: a guerra não é, nem pode ser, alternativa para a solução de conflitos. O Mundo deixou claro que não quer uma polícia para o Mundo. Gritou aos quatro cantos que recusa a destruição da convivência internacional duramente conquistada no pós-guerra. Reafirmou que precisa mais de iniciativas como o Protocolo de Kyoto e do Tribunal Penal Internacional (ambas repudiadas por Washington) e de figuras como Abraham Lincoln, Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá e Mahatma Ghandi. E menos de George Bush e Saddam Hussein.

Além disso, é importante memorar outros processos psico-pragmáticos que ocorrem em (15). Por exemplo, outros MCI, como o das instituições reguladoras da ordem nas sociedades, no caso, a polícia, são ativados. Estes MCIs configuram uma seqüência de espaços mentais onde o mundo e a coletividade acabam conceptualizados como um indivíduo. Assim, o Mundo (grafado com inicial maiúscula, como se fosse nome próprio, de forma recorrente em todo o editorial), passa a possuir atributos próprios de um indivíduo, podendo assim “deixar claro o que quer e o que não quer”. Este processo de personificação é visto por Lakoff e Johnson (1980: 34) como uma das metáforas básicas que “nos permitem compreender fenômenos no mundo em termos humanos – termos que podemos compreender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características”. A figura 12 resume nossas discussões sobre a configuração do “mundo que rejeita uma polícia para si”.

Figura 12 – Configuração do mundo como um ‘Mundo’ que não quer polícia para si



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0210373/CA

4.2.4 Análise dos editoriais do grupo 4

Os editoriais do grupo 4 foram retirados do jornal Folha de São Paulo, da região Sudeste do Brasil. A orientação discursiva deste grupo é voltada para os indivíduos, para aspectos sociais e humanitários relacionados à guerra, dentro de um modelo cultural globalizado e de imperialismo norte-americano. Como os exemplos anteriores, o exemplo (16) apresenta uma configuração espacial que nos permite identificar os processos psico-pragmáticos sinalizados pela subordinada substantiva.

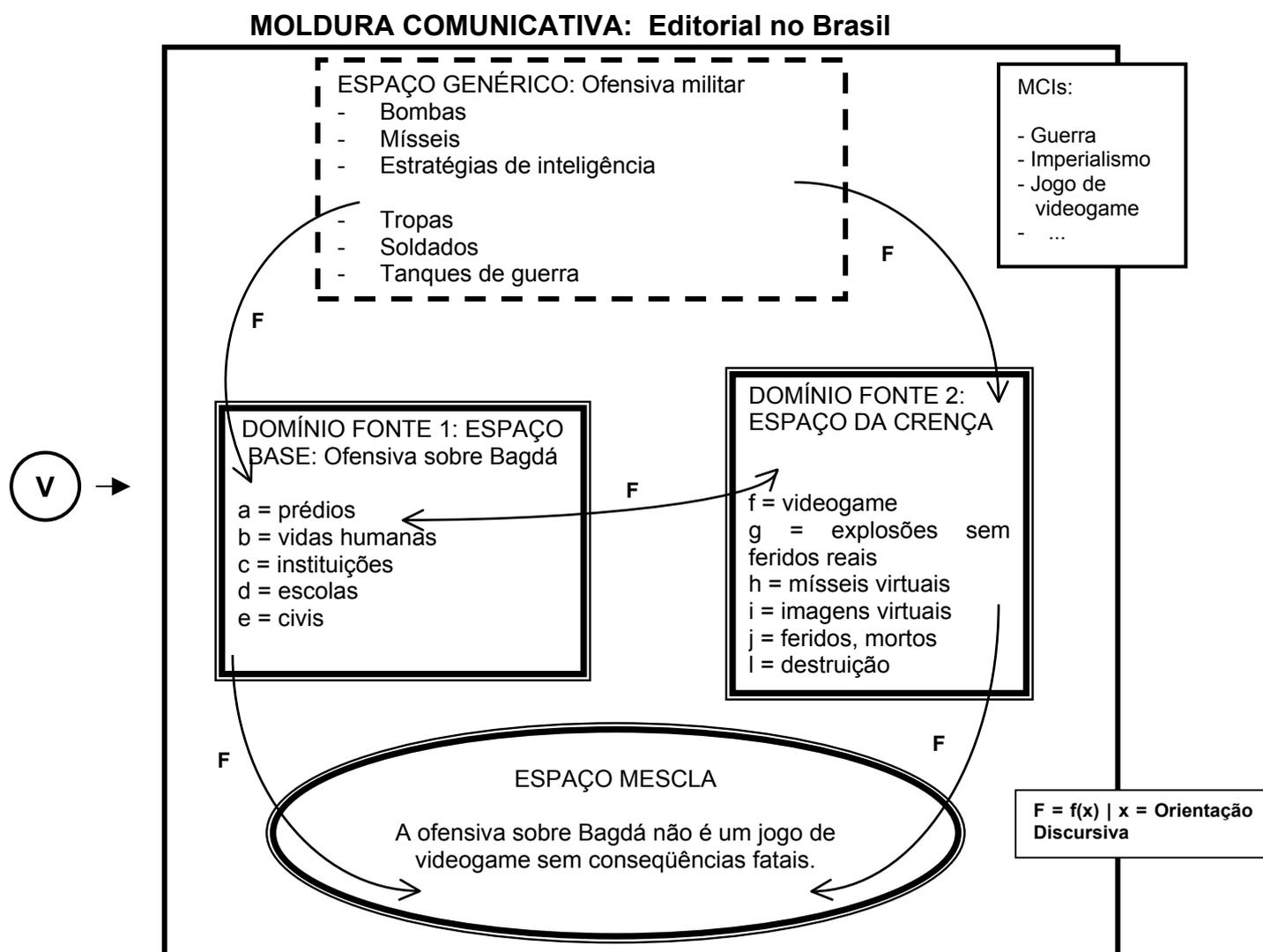
O trecho (16) é o primeiro parágrafo do editorial “Sob as bombas”. Nele, há uma oração subordinada substantiva predicativa (sublinhada) que introduz

informação ideacionalmente saliente, dominando nossos recursos de atenção. A informação de fundo é a ofensiva militar americana, sinalizada no discurso e no contexto situacional:

- (16) Foi com um indisfarçável orgulho que autoridades norte-americanas anunciaram a fase "Choque e Pavor" da ofensiva militar, na qual centenas de bombas e mísseis foram lançados sobre Bagdá e outras grandes cidades iraquianas. O problema por trás da linguagem asséptica dos militares, que evoca jogos de videogame, é que existem em Bagdá cerca de 5 milhões de pessoas que podem morrer por causa dos bombardeios.

A partir de um espaço genérico com enquadre de ofensiva militar (com bombas, mísseis, estratégias de inteligência, tropas, armamentos, soldados, tanques), de um espaço mental B (da realidade apreendida) onde de fato há uma ofensiva sobre Bagdá (onde há prédios, pessoas, escolas, instituições, feridos) e de um espaço mental C (das crenças do produtor do discurso) onde há uma ofensiva em Bagdá com características virtuais de videogame (explosões sem feridos reais, mísseis virtuais, imagens de guerra), emerge um espaço mescla M onde elementos de B, de C e do espaço genérico se entrelaçam fazendo com que uma cena perspectivada pelo sujeito que age na cena discursiva seja construída. No espaço mescla M, temos a opinião de que “o fato de que existem cerca de 5 milhões de pessoas em Bagdá” é um problema real, já que na realidade apreendida, a ofensiva de videogame sobre Bagdá não é uma estratégia, nem Bagdá é uma cidade virtual. Bagdá é constituída por prédios, escolas, hospitais e pessoas de carne e osso. A figura 13 ilustra nossa análise:

Figura 13 – A configuração espacial da ofensiva militar “virtual” americana como uma ofensiva real



Mais uma vez, a configuração espacial revela que o significado é co-construído por modelos cognitivos idealizados, por funções pragmáticas, e pela mesclagem de domínios conceituais, permitindo que a opinião do sujeito que age na moldura comunicativa fique no foco de atenção. Este espaço mescla, no corpus de editoriais, é sinalizado pelas subordinadas substantivas.

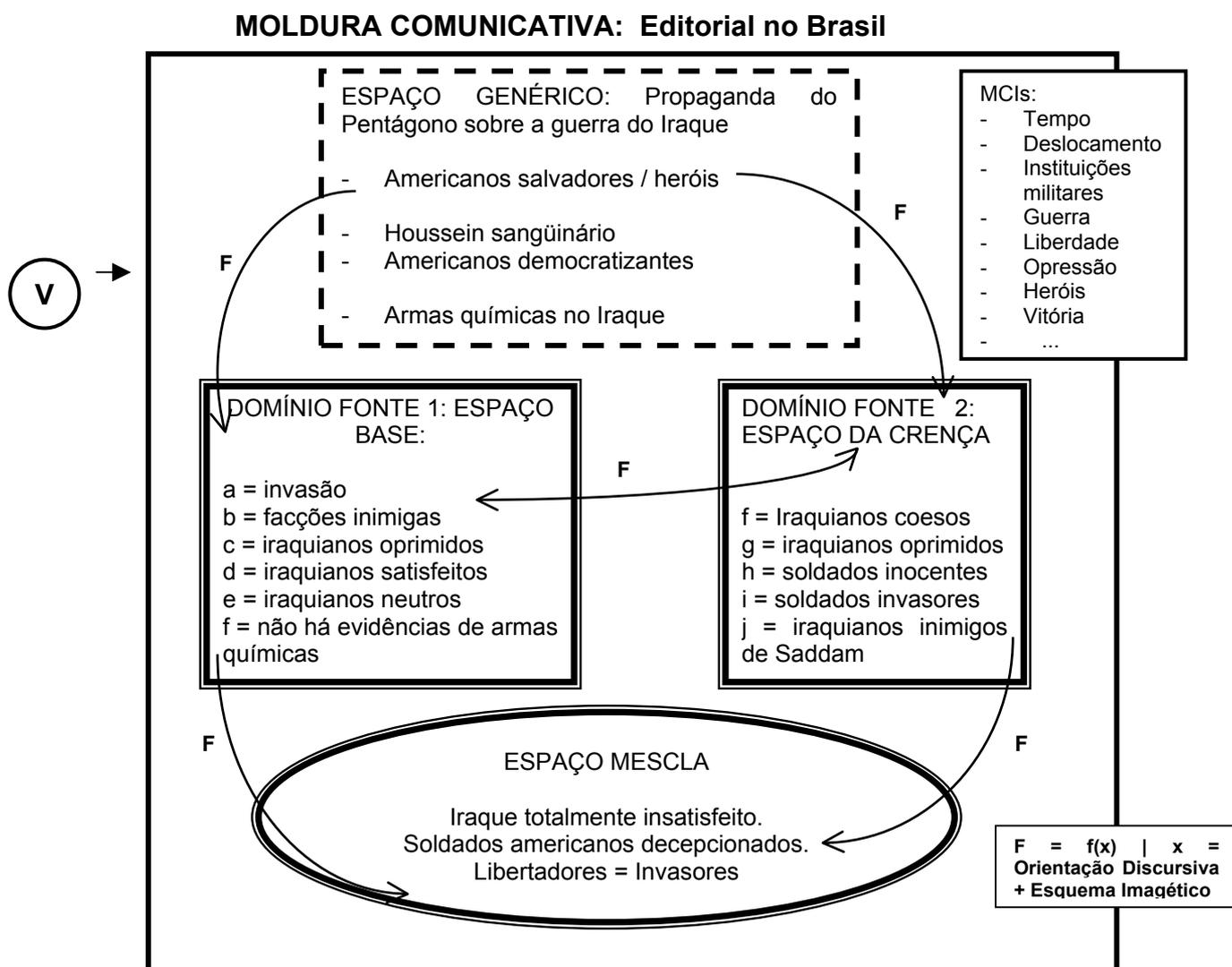
Tomando outro exemplo (17) do mesmo grupo 4, mas de outro editorial, “Contra o tempo”, voltamos a confirmar nossa hipótese de trabalho. Inicialmente, cabe dizer que o título instaura um MCI de tempo e de deslocamento, que permanece ativo ao longo de todos os parágrafos do editorial, ao lado de outros MCIs – de instituição militar, de guerra e de vitória.

- (17) Os próprios soldados americanos parecem ter-se tornado vítimas da propaganda do Pentágono. Muitos deles esperavam ser recebidos como heróis libertadores (sobretudo nas cidades do sul do Iraque) e ficaram francamente decepcionados ao descobrir que os iraquianos – mesmo os inimigos de Saddam Hussein – os consideram invasores.

Estes MCIs estruturam os seguintes domínios conceptuais subjacentes à situação comunicativa de (17): um espaço genérico que definimos como o espaço da propaganda do Pentágono sobre a guerra (em que os americanos são apresentados como salvadores, em que Saddam Hussein é um sanguinário, onde o Iraque esconde armas químicas e de destruição em massa, onde os americanos vão democratizar o Iraque, entre outros); e dois espaços mentais B (da realidade apreendida) e C (das crenças do produtor do discurso) introduzidos pelo IE sintagma adverbial de tempo “ao descobrir” + o conectivo “que”. No espaço G, todos os soldados americanos são libertadores, os soldados são inocentes, os soldados são heróis. No espaço B, por exemplo, temos a invasão do Iraque pelos EUA, facções inimigas dentro do Iraque, grupos oprimidos, grupos satisfeitos com a invasão, neutros, nenhum vestígio de armas químicas ou de destruição em massa, soldados americanos com opiniões contrárias às do Pentágono, entre outras. No espaço C, temos americanos coesos, soldados inocentes, soldados invasores. Todos os espaços flutuam separadamente como domínios conceptuais distintos, até que a orientação discursiva anti-imperialista, porém voltada para os aspectos individuais e humanos da guerra, coloque as partes em correspondência, dando origem ao processo de mesclagem, constituindo um espaço onde “todos os iraquianos consideram os soldados americanos invasores” e “libertadores” passam a ser igualados a “invasores”. No entanto, nada garante que certas facções iraquianas não tenham uma perspectiva diferente. O Modelo dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994; 1997) é uma possível explicação para como isto se dá cognitivamente, como ilustra a figura 14.

Figura 14 – A configuração espacial dos soldados libertadores como soldados invasores

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0210373/CA



Além disso, percebemos que o esquema imagético DENTRO-FORA é acionado no discurso, contribuindo para o processo de significação. Este esquema é acionado por expressões como “recebidos”, “invasores”, “libertadores”, fazendo com que os soldados sejam percebidos discursivamente ora como “invasores” (no espaço C), ora como “libertadores” (no espaço genérico).

4.2.5 Análise dos editoriais do grupo 8

Os editoriais do grupo 8 foram retirados do jornal Correio do Estado, da região centro-oeste do Brasil. A orientação discursiva deste grupo, fundamentada

em um modelo cultural de globalização e de instabilidade política mundial, é de democracia globalizada.

Em (18) e (19) temos duas orações subordinadas substantivas apositivas retiradas dos editoriais “Ordem imperial” e “Novo mundo”, respectivamente, as quais, segundo a categorização de Abreu (1994), são consideradas como as menos prototípicas entre as subordinadas, aproximando-se das orações coordenadas:

- (18) EUA e Inglaterra escolheram um caminho que dificilmente terá volta. Ambos os países estão mostrando que podem se impor, tomando decisões e determinando suas vontades como e onde for conveniente. Agora não há mais dúvida: o mundo está realmente vivendo uma nova ordem imperial.

- (19) As bombas que estão caindo em Bagdá – à parte o espetáculo televisivo que proporciona e o horror humano que aos poucos se revelará, assim que o conflito chegar ao fim – estão provocando um efeito psicológico difuso no mundo: ao mesmo tempo em que reforçam os conceitos de que os Estados Unidos são, de fato, um império, criam um ressentimento diplomático que poderá, no longo prazo, ter efeitos desastrosos. Não há dúvida: o mundo está ingressando numa fase histórica.

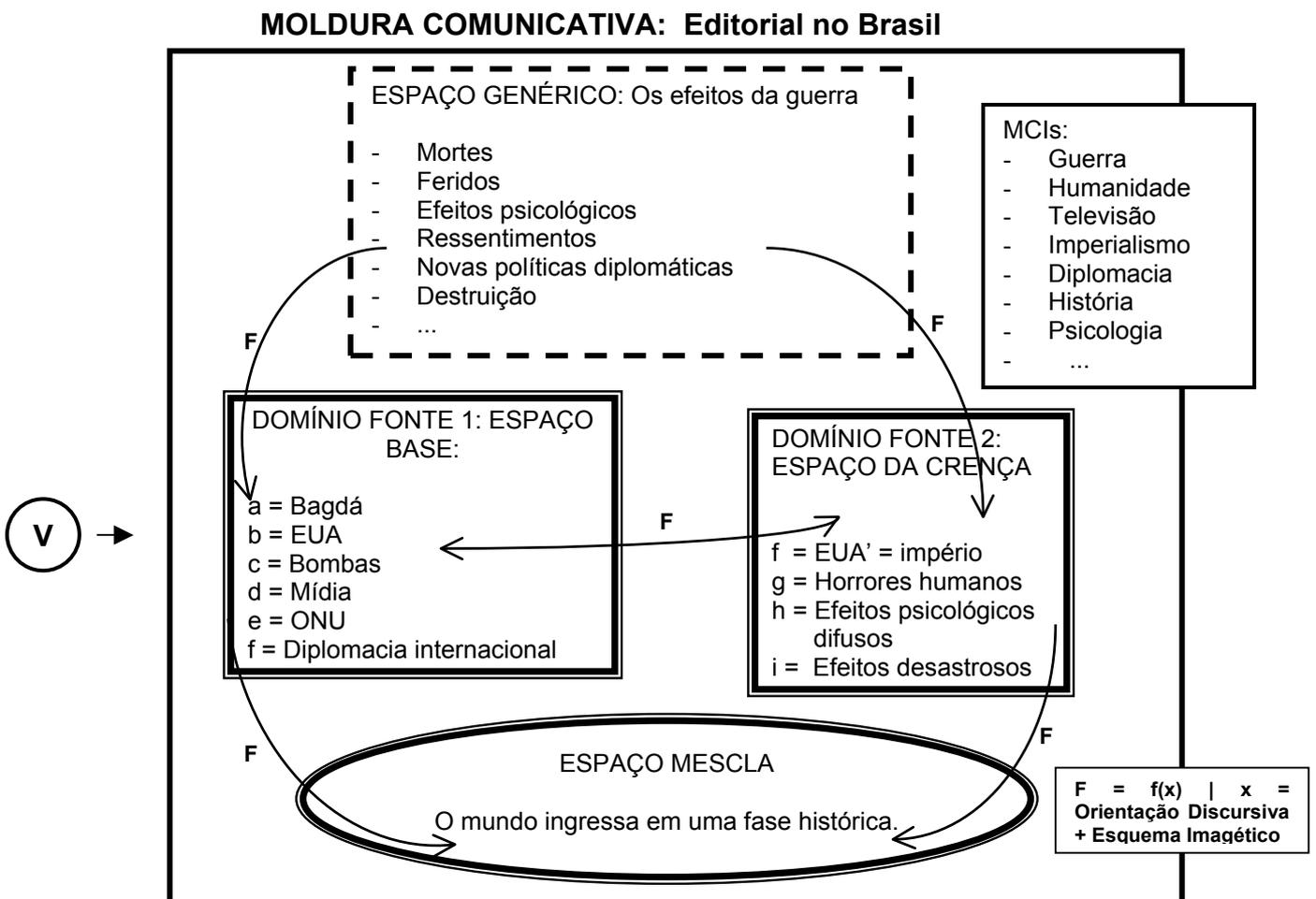
Tanto em (18) como em (19), a perspectiva do produtor do discurso é sinalizada de forma declarativa, como se fosse factual. Nos dois casos, a oração principal que antecede as subordinadas é a mesma: “Não há mais dúvida”, imprimindo à oração seguinte um caráter de certeza, de verdade, de inquestionabilidade. Nos espaços mentais mescla M, sinalizados discursivamente pelas orações subordinadas substantivas apositivas (sublinhadas) em (18) e (19), as contrapartes de “mundo” têm valores diferentes de “mundo” no espaço base (da realidade apreendida). Estes valores são atribuídos a esta entidade a partir da perspectiva do sujeito/instituição produtor do discurso.

Mais especificamente, em (19) percebemos a ativação de um espaço genérico que contém os efeitos da guerra, com suas mortes, feridos, efeitos psicológicos, ressentimentos, novas políticas diplomáticas, destruição, entre outros elementos. No espaço B (da realidade apreendida), temos Bagdá, os EUA, as bombas, a mídia, a ONU, a diplomacia internacional. No espaço C (das crenças e desejos do produtor do discurso), há os EUA como império, horrores humanos, efeitos psicológicos difusos, efeitos desastrosos. Estes espaços encontram-se

estruturados por MCIs de guerra, humanidade, televisão, imperialismo, diplomacia, história, psicologia, entre outros.

A oração principal que introduz a oração subordinada substantiva apositiva (sublinhada) funciona como IE para o espaço M (mescla) originário da relação de correspondência estabelecida entre os espaços genérico, C e B ativos no discurso. Esta relação de correspondência é facilitada pela orientação discursiva de democracia globalizada e pelo esquema imagético DENTRO-FORA acionado pelo verbo “ingressar”. A informação que funciona como figura aparece na oração subordinada, isto é, “o mundo está ingressando numa fase histórica” e pode ser vista como uma mescla de informações provenientes de espaços conceptuais distintos, onde as partes assumem diferentes papéis. A figura 15 ilustra o exemplo (19):

Figura 15 – A configuração espacial do mundo em uma nova fase histórica



Nossa análise quantitativa e qualitativa indicou que as subordinadas substantivas são construções típicas do corpus de editoriais, norteando a elaboração retórica argumentativa ao manter no foco de atenção o valor FACTUAL das partes que constituem os diferentes domínios conceptuais que estruturam a cena comunicativa.

Especialmente, nossos resultados demonstram que as subordinadas substantivas subjetivas são as mais prototípicas no corpus.

Ao analisá-las segundo o arcabouço sócio-cognitivista, observamos que sinalizam dois processos psico-pragmáticos. A saber, o jogo figura-fundo e processos de mesclagem. Estes dois processos permitem que opiniões sejam “travestidas” como fatos ao, estrategicamente, manter no plano de fundo, portanto perceptualmente difusa, a perspectiva do produtor do discurso. No plano de frente, como figura, ficam os espaços mescla, onde as partes que tomam para si valor de FATO ficam salientes.

Como nossos recursos de atenção são limitados, não nos apercebemos do “jogo”. Tomando emprestadas as palavras de Halliday, não são as sentenças, mas os falantes que sinalizam o que fica no foco de atenção:

“These are options on the part of the speaker, not determined by the textual or situational environment; what is new is in the last resort what the speaker chooses to present as new, and prediction from the discourse have only high probability of being fulfilled” (Halliday, 1967: 211).

Portanto, através do processo de mesclagem e do jogo figura-fundo, acreditamos ter demonstrado lingüisticamente porque o saber leigo acredita que um editorial emite mais do que uma opinião. Dois domínios conceptuais distintos, com partes distintas, são amalgamados em função da orientação discursiva do jornal.